

1.

três vezes Waly: ecos multifocais

Por hoje é só.
OBRA parida com a mesma incessante
INCOMPLETUDE.
Sempre tendente a ser outra coisa. Carente de ser
Mais.
Sob o signo do ou.
OU.

Waly Salomão

Ao vivo, a primeira vez que vi Waly Salomão foi num encontro sobre poesia contemporânea, dividindo a mesa com o parceiro e poeta Antônio Cícero, além da professora Santuza Cambraia, organizadora do evento, e o poeta Paulo Henriques Brito, num auditório localizado na cobertura do prédio da biblioteca da Puc-rio, lotado.

Ver Waly em ação, falando para uma platéia composta em sua maioria de jovens alunos curiosos, foi uma experiência radical. Já o tinha visto pela tv, lido seus livros, ouvido suas canções, mas, ali, eu diria que pela primeira vez vi um poeta que vibrava e esbanjava a poesia, intensamente. Waly deixava nítido para quem quisesse ver-ouvir-sentir, que a poesia era o seu logos, seu pão, seu éden, sua ética e seu coração. Waly vivia a poesia além da ficção. Era o seu *pneuma*.

Bem ali, eu, que estava terminando o mestrado e ainda sem qualquer idéia do próximo passo, naquele momento tive a certeza do que faria no doutorado.

A presença despojada e estridente, falando com o corpo todo - olhares, sorrisos, caretas, sobranceiras torcidas, mãos indômitas, gestos, giros -, Waly sintonizava a todos na frequência maliciosa de sua fala. Sua poesia é orgânica. Transcende a ficção e transubstancia-se à vida. Além do que, nada permanecia intacto diante de sua fala onívora e musical, laminada pelo humor ácido e iconoclasta.

Waly embriagou e devorou a todos nós naquela tarde. E saiu sem que ninguém o visse.

Algo impressionante era perceber a alquimia perfeita entre a fala dionisíaca, performática, com as camadas de memória, dando voltas no espaço e retornando sempre ao ponto de partida. A dicção ondula o ritmo prosódico no compasso de

sua eloquência, devorando a mesa e a platéia com seu discurso poderoso, construído no calor da temperatura ambiente, de lábia instantânea, improvisada e malandra.

A segunda vez foi no lançamento do livro do Arnaldo Antunes numa livraria no leblon, junto com o José Thomaz Brum. Conversando, bebendo, curtindo, e eu impressionado com a capacidade dele se comunicar com muitas pessoas ao mesmo tempo, de retirar as palavras do beco lógico-sintático, e dar-lhes novas cores, sons, ecos, tremores, imantando a poesia na fala.

Acelerados, fomos parar na gravação de Jorge Mautner e Caetano Veloso: Waly, o Jorge-Caê, eu e mais um que não me lembro agora, todo mundo espremido na saveiro do Pires. Assim como chegamos saímos, de lá para o bar mais perto, um pouco embriagados, até perdermos o Waly de vista, mais uma vez.

A terceira vez foi no lançamento da *Mitologia do Kaos*, do Mautner, lançado pelo Serginho Cohn, quando Waly roubou a cena junto com Gil, comendo pétalas de girassol, dançando, girando, servindo as pétalas aos convidados, jogando-as para o alto, celebrando o caos, a festa dos encontros ao acaso, sorrindo, chapado de vida, rodopiando de cá para lá, como um redemoinho, e mais uma vez, sem que ninguém percebesse, ele sai de cena.

E o que nos resta? Quais as marcas de sua poética? Que elementos compõem seu léxico? É possível identificá-los? E de que modo se estabelece o diálogo com as tradições e vanguardas modernas?

Dentre todas as interrogações, se há uma essência na poesia de Waly Salomão, ela só pode ser atribuída ao senso experimental, ao arranjo livre da palavra, ao trabalho lúdico da criação, e da poesia efetivada como elo orquestrador de outras linguagens e fluxos. Isto é, uma poética em expansão, de natureza dinâmica e contraditória, que se afirma pela potência alquímica.

Ainda hoje, seis anos depois de partir para o outro plano, aqui está sua poesia, provocando-me a incrível sensação de estar lendo-o pela primeira vez. Consigo ler ouvindo sua voz declamando-os, saltando das letras impressas na página, como uma veia salta do pescoço. Seus versos exaltam a vida e exigem a vibração das palavras à flor da pele. E depois, sua risada rouca, chiada e sátira.

Talvez, a “incompletude do ou” seja a intensa busca pelo novo, a *fé* que se deve ter *no veneno* da criação (parafraseando Rimbaud), daquilo que é possível ser feito, produzido e inventado.

Este texto foi tocado segundo a clave da experimentalidade, como não podia deixar de ser, seguindo o senso de construção, e por isso ‘incompletude’, do inacabado, da brasa acesa, queimando, fumegante. Um texto aberto, ao ar livre das preparações, acidentes, microfônias, dissonâncias e conversações, na atualidade de sua leitura.

Importa que ele possa ser percorrido e trazido à tona a partir da memória e potencialidade experimental da poesia de Waly Salomão. Entre a fala e o texto, seu tom declamatório e sua elocução pulsional consubstanciam o seu estilo, desencapado pela sua voz e seu ritmo, como um abalo sísmico que é, ao mesmo tempo, musical.

Seja um sismo ou um míssil, tal qual um corpo feito de zunidos e dissonâncias, sua poesia jamais se fossiliza, mantendo-se viva sob uma frequência turbilhonada pela fusão das tradições e contradições, na emergência do acaso. Acaso em que se misturam e se maturam os elementos heteróclitos, como se a existência e a poesia amalgamassem-se na eterna preparação, no ensaio, na livre experimentação e improvisação, sem que se perca a liga, o elo, a música e a festa.

O texto foi dividido em três capítulos, onde no primeiro tenta-se dialogar com a infância interiorana e seu primeiro contato com o livro, até o seu livro de estréia, iniciado na prisão. Investiga-se qual a dimensão fundante da poesia em sua vida, diante da opressão e violência dos limites, ora provincianos, ora ideológicos, vividos no corpo, ao descobrir o poder de transformação e superação pela própria poesia.

No segundo capítulo, tenta-se constituir a gênese de sua poesia, desde o ritmo onívoro até a utilização da técnica barroca e alquímica de friccionar e fundir os contrastes e contradições, enumerando desde a música das esferas, os cultos órficos e a tradição pagã, até a tradição mística da poesia, de William Blake, no ocidente, até o oriente ancestral. Há também o diálogo com as vanguardas européias e latino-americanas, de Artaud a Huidobro.

Por último, no terceiro exploram-se o encontro com Hélio Oiticica e as marcas deste encontro no pensamento e poética de Waly Salomão. Além disso, um pequeno ‘filme’ dos anos 60 e 70 e da contracultura no Brasil é montado sob a perspectiva dos *babilaques* e de algumas letras de música, na experimentalidade de Waly.

